

SETEMBRO

Asas multicoloridas

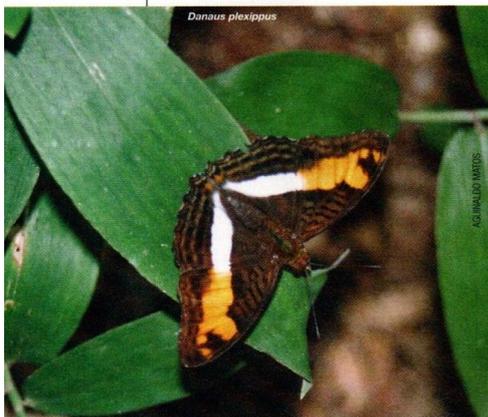
Das matas às ruas dos grandes centros, uma unanimidade em setembro é a proliferação dos insetos. Não só daqueles inoportunos, como mosquitos e moscas, mas também os representantes mais coloridos dessa ordem animal: as borboletas. Estamos longe de assistir a espetáculos grandiosos, como a migração de milhões de borboletas monarca (*Danaus plexippus*) do Canadá e Estados Unidos para o México, que acontece exatamente nesta época do ano (quando no Hemisfério Norte tem início o outono). Mas temos uma boa diversidade de asas de todas as cores para ajudar os beija-flores e dar conta de toda a produção de néctar, que agora se torna disponível.



LIANA JOHN

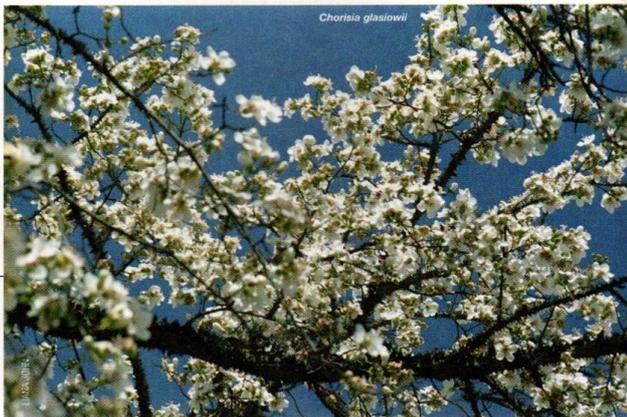
Flores sincronizadas

O clima ainda hesita entre quente e frio, com grande amplitude térmica entre o dia e a noite, e as primeiras chuvas ameaçando lavar a névoa seca do horizonte de inverno. A estação das flores só começa no fim do mês, no dia 22, e muitas plantas não sabem como reagir ao clima indeciso. A primavera tropical não é marcada por uma semana em que tudo explode em cores, hormônios à toda e crescimento vertiginoso, mas temos cá nossas árvores que fazem questão de estampar a notícia da chegada de uma nova estação em todos os seus ramos, um mais carregado de botões do que o outro. A paineira branca (*Chorisia glasiowii*) é uma delas. Enquanto as paineiras comuns há muito já deram suas flores rosadas e as trocaram pelos frutos, exibindo chumaços de paina macia, essa espécie ainda está abrindo seus botões, e todos ao mesmo tempo, de modo a encher o ar com a admiração de quem quer que passe por perto.



Danaus plexippus

AGUIAR/ISTOCK



Chorisia glasiowii

ISTOCK



Pingos de sol no verde da mata

O aumento da umidade do ar e as primeiras chuvas captadas entre as folhas, sobretudo na Mata Atlântica, fazem as bromélias florescerem. E o vermelho vivo que então emerge pontua o verde da floresta, refletindo a luz solar. Durante a seca do in-

verno tropical, no Sul e Sudeste do Brasil, as bromélias garantiram a oferta de água aos animais de copa. Agora muitas delas se preparam para morrer, ao emitir suas flores. A maioria das espécies dessa família — Bromelidae — floresce apenas uma vez na vida, após o que desenvolve um broto lateral que irá crescer e tomar seu lugar.

De barriga cheia Ninhadas 'sexistas'

Nos descampados e em meio à vegetação aberta, as diversas espécies de tatu — 24 ao todo, no Brasil — aproveitam suas saídas noturnas para encher a barriga com os cupins e formigas. Com as primeiras chuvas e a estação da reprodução, chega o tempo das revoadas desses que são seu principal alimento. Os tatus não podem pegá-los em vôo — tarefa que deixam para andorinhas e outras aves — mas muitas delas logo caem, perdendo as asas e o rumo de casa. E é aí que os tatus aproveitam!

Contam os especialistas em tatus, que as ninhadas desse animal americano podem ter 4 ou 6 filhotes, conforme a espécie. Mas eles são sempre do mesmo sexo, todos. Se nascem fêmeas, será um 'Clube da Luluzinha'. Se nascem machos, um 'Clube do Bolinha'. A curiosidade já foi até transformada em verso popular, conforme cita Rodolpho von Ihering, em seu Dicionário dos Animais do Brasil: "O tatu mais a mulita, é lei de sua criação. Sendo macho não pode ter irmã, quando fêmea não pode ter irmão".



Meia estação na pescaria

No calendário das estações, setembro está mais para o inverno do que para a primavera. Mas o calor predomina e os peixes que andaram 'escondidos' no frio voltam à atividade plena e fica mais fácil fisgá-los. Uma situação que a sabedoria cabocla resume num ditado: mês sem R, mês sem peixe. Em setembro, voltam o R e os peixes. Entre eles, curimatá, bagre, lambari, piau, piava, tabarana, barbado e tilápia. Como o nível dos rios continua baixo, predadores como bicuda (foto), dourado, matrinxã, cachara e cachorra continuam atacando as presas e as iscas. No mar, dá para arriscar quase todos os peixes, dependendo do ponto da costa e da temperatura da água. Espécies que não gostam de altas temperaturas continuam ocorrendo, como bijupirá, cavalinha e corvina. Outras que preferem águas mais quentes começam a aparecer, como xaréu-amarelo, sargo-de-beiço e badejo-mira.

Frutas do Cerrado

No Brasil Central, setembro é mês de muitas frutas nativas. O bacupari (*Salacia campestris*) vai mostrando seus tons de amarelo, bom para consumo in natura e em sucos. O baru (*Dypterix alata*) pende, alongado e marrom, das pontas dos galhos, de onde vai direto para os tachos de fabricação de doces e geléias. O caju-de-árvore-do-cerrado (*Anacardium othonianum*) exhibe seu efêmero vermelho, que dura pouco mais de um mês. E o jenipapo (*Genipa americana*) amadurece nas matas secas, matas de galeria e cerradões.

LIANA JOHN E VALDEMAR SIBNELLI